

# O DISCURSO DO VENDEDOR

CAMILA PIVA



Texto: Camila Piva  
Revisão: Marcia Ligia Guidin  
Capa: Gustavo Magalhães @ogusmagalhaes

## O discurso do vendedor

A seca havia devastado todas as plantações da cidade do Leste; por causa disso os animais começaram a definharem: não era mais possível alimentar-se todos os dias. Carne, derivados de leite, hortaliças e frutos, tudo estava desaparecendo. As pessoas começaram a sentir medo, angústia e desesperança.

Na pequena feira local só havia sobras de alimentos para comprar, mas numa manhã de sábado duas novas barracas chamaram a atenção dos moradores. Eram duas barracas de sementes.

As barracas aparentemente vendiam os mesmos produtos: sementes mágicas e curadoras. Mas eram bem diferentes entre si.

A primeira barraca era colorida, e seu vendedor era sorridente e amável. Ele procurava conversar com todos os que paravam em frente à sua banca. Dizia que o solo precisava de afeto, que suas sementes poderiam dar vida à terra outra vez, mas que deveriam ser cultivadas com amor.

— Minhas sementes curadoras têm o poder curar o solo — dizia.

Um velho de mãos cansadas aproximou-se e interessado começou a fazer perguntas:

— Mas como essas sementes podem brotar, se estamos sem chuva e sem água?

O vendedor amável começou a explicar e uma pequena multidão parou para ouvi-lo:

— Não são sementes como as que estão acostumados, são sementes mágicas — continuou — não necessitam de água, mas sim de afeto. Tudo que precisam fazer é plantá-las sob a luz da lua. Elas brotarão no sétimo dia, mas têm de ser regadas com carinho diariamente.

— E como vamos regar uma semente com carinho? — um jovem questionou.

— É muito simples, vocês precisam conversar com a semente. — o vendedor amável explicou — e também acariciar o solo.

Algumas pessoas acharam graça do que ele estava dizendo. Outras viram muito sentido nas palavras, afinal se eram sementes mágicas, deveriam ter um cultivo diferenciado.

— Que bobagem! — Uma voz vinda da pequena aglomeração se destacou – eu também vendo sementes mágicas! E para brotarem elas não precisam dessa frescura, não.

As pessoas se viraram e notaram que a voz vinha do vendedor da segunda barraca. Um homem de feição fria e fechada. Ele era hostil.

A barraca desse segundo vendedor não tinha nenhuma cor. As sementes estavam todas colocadas de forma desorganizada em saquinhos de restos de jornal. Ele falava alto e chamou muita atenção para si:

— Minhas sementes brotam no segundo dia. Vocês plantam a hora que quiserem e podem ir fazer outras coisas. Dois dias depois, verão os pequenos brotos surgirem no solo.

— E como regamos? — quis saber uma senhora.

— São sementes mágicas, minha senhora! Não precisam de nada. Isso tudo de regar com afeto é bobagem! Coisa de gente sem o que fazer. Sétimo dia? — ele dizia em tom de desdém — em sete dias, vocês já estarão colhendo enormes legumes e frutas! Esse babaca só está querendo roubar o tempo de vocês!

O vendedor amável parecia não se importar com as provocações e concluiu em tom sereno:

— Quando se planta com amor, colhe-se amor.

— As pessoas têm fome de comida — respondeu o outro aos berros — quem aqui come amor? — Exclamou dirigindo-se a multidão que agora em sua maioria cercava sua barraca.

As pessoas pareciam convencidas por ele, o vendedor hostil. Percebendo que chamava atenção com sua truculência, decidiu continuar, direcionando deboches ao vendedor amável.

— Agora com tantos problemas para resolver, vamos ficar conversando com terra? A terra tem que nos servir! E não nós servimos a ela! — Gritava, gesticulava e começou a improvisar imitações grosseiras — “oi terrinha linda, quer conversar comigo? Eu não tenho nada de importante pra fazer”.

As pessoas começaram a achar graça naquilo, riam e pareciam se divertir com a provocações dirigidas ao vendedor amável, que continuava conversando com algumas poucas pessoas ainda em torno de sua pequena banca.

Um rapaz, incomodado com as ofensas que o vendedor hostil dirigia ao seu concorrente, resolveu perguntar ao senhor amável se aquilo não o estava incomodando.

— Mas é claro que não — ele respondeu — cada um de nós está servindo aquilo que têm.

— Mas ele está ganhando toda a atenção para si — o rapaz retrucou, inconformado — e está te ofendendo.

— Só vai me ofender se eu me deixar ofender — disse com carinho — já o conheço de longa data, essa é a natureza dele, não é a minha. Manifesto aquilo que sou, e ele aquilo que é. Se quiserem comprar as sementes dele, podem comprar. Eu vou continuar vendendo da única maneira que sei.

— Queremos comprar suas sementes — disse uma senhora — não compraria nada de alguém tão grosseiro e arrogante.

O tempo passou e ao final da feira todos estavam dispostos a comprar sementes mágicas. Uma pequena parcela da cidade comprou as sementes do vendedor amável, e a maior parte resolveu comprar do hostil, que, incentivados por seus deboches, começaram a zombar daqueles que “iriam perder tempo conversando com a terra”. Estes viraram motivo de piada; foram chamados de loucos.

Cinco dias se passaram, e as sementes do vendedor hostil já tinham crescido, pequenos frutos ainda verdes eram notados, enquanto isso, o outro pequeno grupo conversava com a terra mas nenhum broto havia aparecido.

— Pelo crescimento acelerado de nossas plantações, em dois dias estaremos cozinhando nossos legumes e comendo nossas frutas. — disse um rapaz orgulhoso de ter escolhido as sementes do vendedor hostil.

No sétimo dia, um pequeno broto surgiu na terra daqueles que conversavam com ela. Eles comemoraram, pois foi exatamente assim que o vendedor disse que seria.

Enquanto isso, o grupo que comprou as sementes do vendedor hostil trabalhava na primeira colheita; eles estavam felizes e debochavam do outro grupo.

— Se sobrar algo do jantar eu dou aos imbecis que ainda creem em conversinhas com a terra — caçou uma mulher carregando uma enorme cesta cheia de cenouras.

Ela correu até sua casa e começou a preparar o jantar, lavou tudo o que havia colhido e, com uma faca, começou a cortá-las em rodela. Porém havia algo estranho, um odor ruim parecia ter invadido a cozinha. A mulher achou que havia algum animal morto perto da janela e saiu para procurar. O cheiro ruim parecia aumentar, e ela podia segui-lo com seu olfato. Foi então que percebeu que vinha das cenouras recém-cortadas. Aproximou-se e ficou horrorizada com o que viu, a cenoura tinha uma coloração escura na parte interna, e vermes brotavam de dentro dela. Com muito nojo, jogou a cenoura podre fora e começou a cortar outra que havia na cesta. Mas a próxima também estava podre, e depois dela a outra também, e assim por diante, até não sobrar nenhuma. Tudo o que havia colhido estava podre.

A mulher correu até a casa de sua vizinha e antes de chegar ao portão já sentia o cheiro ruim saindo da cozinha da amiga.

— As beterrabas estão podres — a vizinha gritava.

Todos os que haviam plantado a semente do homem hostil colheram frutos podres e fétidos.

Durante a noite, os brotos das sementes do vendedor amável cresceram e brotaram como mágica, e o grupo que conversou por dias com a terra também fez sua primeira colheita. Mas, ao contrário do que aconteceu com as outras pessoas, seus frutos e legumes eram saudáveis, cheirosos e saborosos. Todos se alimentaram muito bem.

Mais tarde, na pequena feira local, o grupo das frutas e legumes podres procurava pelo vendedor hostil, mas não o encontrou: ali só estava a barraca do vendedor amável que os acolheu com seu simpático sorriso.

— Vejo que já fizeram sua colheita — comentou.

— Onde está aquele desgraçado? — a mulher das cenouras gritou.

— Acredito que já esteja em outra cidade — respondeu o vendedor amável — Mas aqui está, tenho sementes para todos vocês. Basta que façam como expliquei e em sete dias estarão colhendo seus deliciosos frutos.

Eles compraram as novas sementes, agradeceram e foram embora. No caminho para suas casas se depararam com um enorme banquete, servidos por aqueles que primeiro compraram as sementes do amável.

— Sentem-se — convidou uma moça que carregava jarros de vinho.

Receoso e com vergonha, o grupo sentou-se à mesa e começou a comer. Estavam famintos.

No meio do jantar, um dos integrantes desse grupo resolveu quebrar o constrangedor silêncio:

— Como foi que não caíram na conversa do outro vendedor? Por que é que escolheram comprar do velho da banca colorida?

Os que serviam o banquete trocaram sorrisos entre si e então uma mulher respondeu:

— Muito simples, meu caro jovem, não acreditamos que um discurso tão agressivo e hostil poderia dar bons frutos.